

# A terra, o homem e a luta: elementos da paisagem construída por Euclides da Cunha n'Os Sertões

*Maria Cláudia Bachion Ceribeli*

**Resumo:** O artigo investiga a paisagem do sertão euclidiano, na qual, de forma indissociável, se encontram o espaço físico com suas características peculiares, o sertanejo e sua história de lutas para continuar existindo. A pesquisa revela que a imagem construída n'Os sertões para esse território e seus habitantes decorre do olhar do artista, da relação dialógica entre ele e a sociedade na qual se integrava e, ainda, que essa construção imagética foi veiculada pela literatura posterior ao texto euclidiano. O estudo destaca que a imagem constituída pela paisagem literária traz em si aspectos da subjetividade do autor e do contexto no qual é criada e pode conduzir o leitor a percebê-la de forma semelhante: com empatia, antipatia, preconceito, respeito ou desrespeito, contribuindo para a preservação ou a destruição de seus elementos.

Palavras-chave: Paisagem. Os sertões. Homem e meio.

## Introdução

A paisagem, segundo Georg Simmel (2009), não se restringe ao que o plano material apresenta aos olhos. Ela se revela quando “a nossa consciência, para além dos elementos”, passa a “usufruir de uma totalidade nova, de algo uno, não ligado às significações particulares nem delas mecanicamente composto” (SIMMEL, 2009, p. 5). Essa totalidade surge de uma “seleção” de materiais, extraídos da natureza, e de sua “composição” (SIMMEL, 2009, p. 8), a qual perpassa pela subjetividade daquele que a efetiva.

Assim, quando um artista constrói uma paisagem, é possível

observar que nessa composição transparece a forma como esse indivíduo percebe a natureza, e essa percepção está relacionada com elementos de sua cultura, das “ideias” e “normas” vigentes em relação àquilo que a “ciência, a religião e a arte” (SIMMEL, 2009, p. 9) dizem respeito. Importa ainda a relação dialógica entre a paisagem e o artista, ou, nas palavras de Simmel (2009, p. 15), “a disposição anímica que a partir dela em nós retumba e com a qual a envolvemos”. Essas variáveis implicam diferentes formas como os artistas, em períodos e contextos diversos, elaboram sua “paisagem”.

Integrando a paisagem, existem pessoas, que, por sua relação estreita com aquele território, se tornam ndissociáveis dele, de forma que não há como perceber o meio sem a presença desses seres humanos (BERQUE, 2010). Augustin Berque (2010, p. 14) relata a própria experiência, quando, ao retornar ao local onde passou a infância, percebe que o pai, apesar de já falecido, fazia parte da paisagem, porque sua figura podia ser visualizada nos espaços onde, habitualmente, ficava. Essa constatação pode ser estendida aos beatos e cangaceiros no território do sertão nordestino, por meio da narrativa de Euclides da Cunha n’*Os sertões*, sobre a Guerra de Canudos.

O indivíduo está integrado à paisagem pela interação que estabelece com o lugar, a sua “topografia”, a sua “história” associada ao tempo em que esteve naquele espaço físico e os aspectos culturais que o caracterizavam (o tempo e o espaço físico) (BERQUE, 2010, p. 14). Assim, as construções realizadas pelos habitantes de Canudos: as casas “feitas de pau a pique”, a “*urbs* monstruosa, de barro”, protegida por “um círculo formidável de trincheiras cavadas em todos os pendores”, onde “se firmou logo um regime modelado pela religiosidade do apóstolo extravagante”, compartilhando de forma comunitária a “terra”, “pastagens”, “rebanhos” e o que colhiam (CUNHA, 2019, p. 174-179), levam-nos a pensar aqueles sertanejos como parte da paisagem.

O ser humano deixa “alguns vestígios” (BERQUE, 2010, p. 16) na

paisagem onde está ou esteve, de forma que, mesmo que fisicamente não seja visível, aí poderá ser percebido, em decorrência das “marcas” que ficaram na memória do território. No sertão euclidiano, por exemplo, as “vivendas pobres, algumas desertas pela retirada dos vaqueiros que a seca espavoriu” (CUNHA, 2019, p. 26), dão a conhecer uma realidade para além do físico, do mundo perceptível. Uma realidade que não se encontra materializada, visível aos olhos, em nível concreto, mas que se pode divisar, abstrair. É a vida do retirante (ausente fisicamente, naquele momento), enfrentando, ano após ano, a seca periódica que o leva a abandonar aquela paisagem da qual faz parte, para, quando findar a estiagem, a ela retornar.

O soldado que “descansava... havia três meses”, encontrado por Euclides enquanto percorria “as cercanias de Canudos”, “os cavalos mortos naquele mesmo dia”, que “semelhavam espécimes empalhados, de museus” (CUNHA, 2019, p. 42) não constituem apenas a realidade do mundo apreensível, com sua extrema aridez e secura típica do território sertanejo coberto pela caatinga. Representam (o soldado e os cavalos) as mortes, a luta enfrentada pelos conselheiristas, enfim, a Guerra de Canudos que estava em curso bem antes de o escritor atingir aqueles rincões.

O próprio Euclides (2019, p. 62-63) nos recorda desses vestígios deixados pelo “agente geológico notável – o homem”, algumas vezes intervindo “brutalmente sobre a terra”, de forma a transformar suas características geográficas e geológicas. O exemplo mencionado pelo autor é a utilização do fogo, inicialmente adotado pelo indígena, depois pelo colonizador e pelo bandeirante, como “instrumento” para modificar o território, o espaço físico, derrubando matas, florestas, o ser humano “atacou a fundo a terra, escarificando-a nas explorações a céu aberto” (CUNHA, 2019, p. 63-65), em busca de áreas para cultivar, pessoas para escravizar, escavar em busca de ouro e pedras preciosas, e criar animais. Como se pode perceber, os indivíduos fazem parte da paisagem, para a qual contribuem, a fim de que seja construída (mesmo que de forma

destrutiva).

Augustin Berque (2010, p. 15) explica que “os territórios humanos não são neutros” e que estabelecemos com eles “laços” que não se restringem a algo subjetivo, considerando que “em qualquer época e em qualquer cultura” podem ser observados “laços que as sociedades humanas estabelecem com seus territórios”. Isso porque as pessoas estão tão integradas àquele espaço que passam a fazer parte da paisagem.

A literatura pode contribuir com a criação desses laços. O autor, pela forma como elabora o texto, conduz o leitor pela paisagem (que vai além dos aspectos físicos descritos, como explicamos parágrafos antes), apresentando-a tão detalhada e realisticamente que esse leitor pode sentir-se como se estivesse naquele território, conhecendo-o e relacionando-se com ele. Como a literatura e as artes podem ser acessadas por grande número de indivíduos, verifica-se a possibilidade de que, compartilhando “[...] um mesmo campo referencial artístico ou literário”, aquele grupo social desenvolva os mesmos laços pela paisagem, percebendo-a de forma similar (BERQUE, 2010, p. 16-17).

As pessoas desenvolvem uma relação de identidade e identificação com os lugares, com a paisagem, razão pela qual esta última não se limita ao meio físico. Para exemplificar essa afirmação, consideremos as palavras de Berque,

[...] uma pessoa não se limita ao *topus* do seu corpo individual; compreende também, necessariamente, uma *chôra*, composta do conjunto de relações que ela trava com o seu meio. Além disso, essas relações não são apenas de ordem ecológica; em se tratando de seres humanos, elas são também de ordem técnica e simbólica (BERQUE, 2010, p. 18-19).

Assim, “o ser humano” constitui-se de seu corpo individual e do “meio que ele partilha com outros seres humanos” (BERQUE, 2010, p. 19), o que nos leva a percebê-lo como parte da paisagem, não no sentido do

determinismo imposto pelo contexto, mas naquele indicado nas palavras de Berque (2010, p. 20), “a pessoa supõe, portanto, o território, que supõe, por sua vez, as pessoas. A identidade individual supõe a identidade do território, e vice-versa, em uma lógica em que se combinam os mecanismos materiais, os tropismos do vivente e as metáforas próprias da simbolização humana”.

Ainda em Berque, encontra-se que essa relação indissociável, homem/meio,

[...] funcionará por toda a sua vida; depois o indivíduo retornará ao meio, tanto em termos ecológicos (pela decomposição do corpo), quanto em termos técnicos e simbólicos, já que seu corpo medial sobreviverá em um nome, e também nos meios físicos e sociais dessa identidade (um registro de estado civil, um epitáfio ou uma lenda, por exemplo, ou, ainda, atualmente, em suportes tais como os registros audiovisuais) (BERQUE, 2010, p. 20).

Perceber a paisagem em sua concepção integrada ao ser humano é imprescindível, pois, “reduzindo qualquer território a um espaço neutro em que cada individualidade – sujeitos como objetos – se move como elétrons livres, esse mito acarreta, portanto, *ipso facto*, o massacre dos meios, a desordem das culturas e a devastação da biosfera” [sic] (BERQUE, 2010, p. 21), com a conseqüente morte de ambos, o homem e o meio.

Michel Collot (2013, p. 17-18) recorda que “a noção de paisagem envolve pelo menos três componentes, unidos numa relação complexa: um local, um olhar e uma imagem”, mas que o segundo elemento nem sempre merece a mesma atenção que os outros dois, e, no entanto, o “fenômeno” paisagem não pode ser reduzido à “pura representação” de um local, e sim “o produto do encontro entre o mundo e um ponto de vista”, considerando ser “o olhar que transforma o local em paisagem”. O olhar do artista (escritor, pintor) é o mediador entre o que se apresenta e o que será dado a

conhecer, o que implica identificar que a subjetividade do autor perpassa a paisagem por ele apresentada (COLLOT, 2013, p. 19).

Euclides da Cunha dedicou a primeira parte da obra *Os sertões* (1902), “A Terra”, à apresentação do meio onde vive o sertanejo nordestino, mas a paisagem, como Simmel (2009), Berque (2010) e Collot (2013) nos apresentam, só se delineia ao sujeito leitor quando conhece “O Homem” que habita aquele território (a segunda parte do livro) e “A Luta” (a terceira parte) enfrentada por ele. Lembrando que o autor/narrador (Euclides) não a conheceu de forma “neutra”, o que significa dizer que o leitor d’*Os sertões* verá a paisagem sertaneja sob a percepção de Euclides, e esse autor a percebeu/experimentou (subjetivamente), não apenas pelo sentido da visão mas também pelos “outros sentidos”, sendo o processo impregnado de “todas as formas de valores afetivos – impressões, emoções, sentimentos” (COLLOT, 2013, p. 47) que constituem o seu ser.

A paisagem, como nos dá a conhecer Euclides n’*Os sertões*, apresenta o homem em relação íntima com o meio, de tal forma que o sertanejo nos aparece integrado a esse ambiente, o que remete ao pensamento de Berque (2010). No texto euclidiano, três elementos, cada um com suas particularidades, a terra, o homem e a luta ali ocorrida, interagem e se inter-relacionam para constituir a paisagem que esse autor “viu” e construiu, e que não se restringia ao ambiente físico que ele (o autor) percorria. A “imagem” construída na obra-mestra revela que as palavras de Euclides abrangiam o que estava além do físico. “A Terra” não ficou restrita à descrição das plantas e do relevo, da fauna e da flora; “O Homem” que habitava aquele território não foi definido apenas pelos traços físicos, e “A Luta” foi bem mais que a narrativa de um combate entre soldados e sertanejos.

É possível observar que essa paisagem foi, até meados do século XX, reproduzida em obras literárias e não literárias, reforçando o pensamento-paisagem de um sertão hostil, agreste, seco, pobre, distante do litoral, atrasado, inculto, místico e arraigado às tradições, e um sertanejo hostil,

bruto, atrasado, violento, mestiço, mas forte, valente, leal, resistente, astuto e honrado; um território onde, no espaço físico, o “invisível” pode ser percebido pelo olhar do observador: ali, o sertanejo/vaqueiro/beato/cangaceiro/jagunço foi explorado, maltratado, ignorado e assassinado pelos próprios compatriotas.

## **A paisagem do sertão n'Os sertões**

O engenheiro e escritor Euclides da Cunha frequentou a Escola Militar, onde se disseminava o pensamento positivista, então em voga na Europa, e era defensor do sistema republicano de governo. Viajou como jornalista correspondente de guerra para *O Estado de São Paulo*, a fim de cobrir o ataque da quarta expedição enviada para extinguir o que lhe foi informado como “uma revolta insuflada por monarquistas renitentes” (BOSI, 2006, p. 307), na localidade de Canudos, no sertão baiano.

Até aquele momento, não conhecia a paisagem do sertão nordestino (havia vivido quase toda a vida adulta no Rio de Janeiro), a não ser por leituras nas quais, de acordo com os três elementos apontados por Collot (2013, p. 17-18), o local “sertão” foi apresentado pelo olhar de outros escritores, como, por exemplo, Sílvio Romero, Durval Vieira de Aguiar, Cícero Dantas Martins (CALASANS, 1997, p. 13-23) e Martius (CUNHA, 2019, p. 27), construindo uma “imagem” que, depois de *Os sertões*, ganhou nova conformação.

Para construir a paisagem do sertão n'Os sertões, Euclides inicia apresentando o meio geográfico, material, “A Terra”, localizando-o na imagem de um mapa (CUNHA, 2019, p. 16). O leitor é conduzido pela narrativa, como se estivesse acompanhando o autor/narrador, até chegar ao sertão agreste, onde um “*facies*” hostil se desenha: “arbúsculos quase sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos de onde irrompem, solitários, *cereus* rígidos e silentes, dando ao conjunto a aparência de uma

“margem de deserto” e, mesmo que se alcance uma posição mais alta do terreno, o que se apresenta “ou se deixa adivinhar, ao longe, no quadro tristonho de um horizonte monótono [...] sem um traço diversamente colorido”, é “o pardo requemado das *caatingas*” (CUNHA, 2019, p. 25, destaques do autor).

Num trecho que citamos no tópico anterior, Euclides referia-se às moradias, as quais, quando “o viajante” as encontra, percebe serem “pobres; algumas desertas pela retirada dos vaqueiros que a seca evaporou; em ruínas, outras, agravando todas, no aspecto paupérrimo, o traço melancólico das paisagens” (CUNHA, 2019, p. 26).

No decorrer da leitura do texto euclidiano, esse espaço geográfico manterá o aspecto hostil, em que a terra sofre a “violência máxima dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupendos”, onde “o regime torrencial dos climas excessivos” alterna entre o calor extremo e a secura do ar, de rios e lagos, com o frio da noite e os períodos de chuva (CUNHA, 2019, p. 27-28). Esses extremos resultam numa paisagem de “aspecto atormentado”, na qual percebe-se “o martírio da terra, brutalmente golpeada pelos elementos variáveis” (CUNHA, 2019, p. 27).

Intimamente entrelaçado ao quadro descrito, encontra-se o homem, tão castigado pelas variações climáticas e pela secura do ar e do meio, de forma geral, quanto a terra e a vegetação. No trecho em que estabelece comparação entre o “*gaúcho* do Sul” e o “vaqueiro do Norte”, Euclides escreve que o segundo é a “antítese” do primeiro, “na postura, no gesto, na palavra, na índole e nos hábitos”, destacando, no nordestino, a vestimenta de couro, “os horrores da seca e os combates cruentos com a terra árida e exsiccada”, e como “aprestou-se, cedo, para a luta” nesse território onde, “ao volver das estações, períodos sucessivos de devastações e desgraças”, sucedem-se, ocorrendo que, por meio desse embate constante, “fez-se forte, esperto, resignado e prático”, afinal, “viver é adaptar-se” (CUNHA, 2019, p. 117-120, destaque do autor).

Observa-se que, no decorrer da narrativa de *Os sertões*, o sertanejo não é invisibilizado ou dissolvido na paisagem, é parte dela; destaca-se e, ao mesmo tempo, integra-se à Natureza, como o narrador Euclides dá a perceber com frases como “as caatingas não o escondem apenas, amparam-no” (CUNHA, 2019, p. 226), e “a natureza toda protege o sertanejo. Talha-o como Anteu, indomável.” (CUNHA, 2019, p. 230). Veja-se que o sujeito não é, simplesmente, a resultante de um contexto, ele é, está no contexto, contribui para sua construção.

Na maior parte do tempo, o meio é fustigado pelo “terror máximo dos rudes patrícios” que ali habitam, “a seca”, que, periodicamente, desestrutura a sociedade nordestina, provocando grandes êxodos, agravando a condição de extrema penúria em que terra e o ser humano se veem (CUNHA, 2019, p. 44-45). Como escreve Euclides, é preciso se adaptar para viver nesse espaço físico, e esse processo não se restringe apenas aos sujeitos, a vegetação da caatinga, para resistir ao sol inclemente, tendo por solo um terreno “áspero e duro”, passa por transformações que resultam num “aspecto anormalíssimo” (CUNHA, 2019, p. 49). Para que se tenha uma ideia do que ocorre, observe-se o trecho citado a seguir:

As leguminosas, altaneiras noutros lugares, ali se tornam anãs. Ao mesmo tempo ampliam o âmbito das frondes, alargando a superfície de contato com o ar, para a absorção dos escassos elementos nele difundidos. Atrofiam as raízes mestras batendo contra o subsolo impenetrável e substituem-nas pela expansão das radículas secundárias, ganglionando-as em tubérculos túmidos de seiva. Amiúdam as folhas. Fitam-nas rijamente, duras como cisalhas, à ponta dos galhos para diminuir o campo da insolação (CUNHA, 2019, p. 50).

Quando não passam pelas transformações em sua constituição, “unem-se, intimamente abraçadas, transmudando-se em plantas

sociais. Não podendo revidar isoladas, disciplinam-se, congregam-se, arregimentam-se”, como ocorre com “as cesalpinas e as *catingueiras* [...]” (CUNHA, 2019, p. 52, destaque do autor).

Euclides cita Hegel para discorrer sobre a relação entre o homem e o meio, e as “diferenciações étnicas” (CUNHA, 2019, p. 59). Para essa narrativa, o autor dedica a segunda parte de sua obra, “O Homem”. O pensamento positivista e determinista foi propagado no século XIX, e é sob esse ideário que Euclides analisa e busca “desvendar o mistério da terra e do homem brasileiro” (BOSI, 2006, p. 308).

O sertanejo, considerado sob a ótica naturalista, em que se concebe o “indivíduo como portador de uma série de características pertencentes ao grupo do qual faz parte e do qual seria um exemplo característico” (SIEGA; ALVES, 2017, p. 136), é o elemento mestiço e, em razão da mistura das raças que estão na sua gênese, não é encarado de forma otimista.

O determinismo racial, segundo o método de Taine (2020, p. 12), estabelece relação entre as condições físicas, psicológicas e morais do homem, inclusive seus comportamentos e tendências, e aquelas do ambiente em que se encontra. O médico Josué de Castro (1984), na obra *Geografia da fome*, estudo baseado em referências científicas, literárias e não literárias, apresenta elementos que permitem verificar essa relação estreita entre homem e meio, não em virtude da superioridade de raças, mas pelas condições de vida (alimentação, estrutura social, emprego, saúde, moradia) que lhe são oferecidas.

Segundo Castro (1984, p. 203), “o metabolismo basal varia em função de certas características meteorológicas que compõem os fâcies climáticos, principalmente em função da umidade relativa do ar e da temperatura”. Além disso, as secas periódicas impedem uma alimentação suficiente para que o sertanejo guarde alguma “reserva, de depósito de gordura e de glicogênio” para a “época difícil das ‘vacas magras’”, de forma que o tipo físico “magro e anguloso, de carnes enxutas, sem arredondamentos de

tecidos adiposos e sem nenhuma predisposição ao artrismo, à obesidade e ao diabetes” caracteriza o sertanejo (CASTRO, 1984, p. 206). Não é ele o tipo físico do

[...] atleta de capa de revista, nem de herói de fita de cinema, atraindo os olhares femininos com suas formas apolíneas, mas o do atleta fisiológico, com o seu sistema neuro-muscular equilibrado, com bastante força e agilidade e com excepcional resistência, nos momentos oportunos (CASTRO, 1984, p. 206).

Na paisagem d'*Os sertões*, inclui-se esse sertanejo. Aparece isolado no interior do sertão, distante do litoral e da chamada civilização, “o cerne vigoroso da nossa nacionalidade”; trajando “as suas vestes características” de couro do vaqueiro, mantendo “hábitos antigos” e “tradições mais remotas, o seu sentimento religioso, levado até ao fanatismo, e o seu exagerado ponto de honra, e o seu folclore belíssimo de rimas de três séculos”, a “raça forte e antiga” que, de acordo com o ambiente (meio natural e social), se transmuta no jagunço (CUNHA, 2019, p. 103-104).

Naquela terra descrita na primeira parte de *Os sertões*, encontra-se o sertanejo que “é, antes de tudo, um forte”, sem “a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas”, “desgracioso, desengonçado, torto”, um “Hércules-Quasímodo”, “o homem permanentemente fatigado”, e, no entanto, essa aparente “preguiça invencível, a atonia muscular perene”, desaparece quando “qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormidas” provoca sua “transmutação” total no “titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias” (CUNHA, 2019, p. 115-116).

A constante convivência e a luta para sobreviver no meio (físico e sóciopolítico-econômico-cultural) descrito por Euclides, a transmutação decorrente de fatores advindos desse meio podem ser verificadas em obras

do romance de 30, refletindo a perspectiva euclidiana, como em *A Bagaceira* (1928) (ATHAYDE, 1978, p. 42, 44; PROENÇA, 1978, p. 48, 68-69, 73, 85; QUEIROZ, 1978, p. 105), de José Américo de Almeida, *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, no qual o sertanejo Chico Bento, honesto e leal, enfrenta muitas dificuldades decorrentes do meio natural e social hostil, resistindo diante delas (QUEIROZ, 2022, p. 36, 39, 64, 71, 75-76), *Pedra Bonita* (1938), de José Lins do Rêgo, romance sobre a vida sofrida dos sertanejos, “povo abandonado” pelo governo (RÊGO, 1973, p. 105), sujeito às injustiças e aos desmandos dos mais favorecidos economicamente, à violência da volante, que age “pior que os cangaceiros (RÊGO, 1973, p. 107), povo que, para sobreviver, procura amparo na vida do cangaço ou do beatismo, e *Seara Vermelha* (1946), de Jorge Amado, romance no qual se verifica o meio hostil da caatinga (AMADO, 1984, p. 55), os cangaceiros e os beatos que a habitam e a conhecem intimamente (AMADO, 1984, p. 56-57), um beato que mitiga as aflições dos mais pobres pelas palavras e ações caridosas (AMADO, 1984, p. 235-239), o sofrimento dos sertanejos mais pobres (AMADO, 1984, p. 86-87) que, para sobreviver, procuram a proteção no cangaço (AMADO, 1984, p. 140-141), entre outras.

Essa estreita relação entre o homem e o meio ficou registrada, a princípio, pelo texto euclidiano. Comparando o homem que habita o sul e o que habita o norte do Brasil, pode-se perceber que cada um se integra ao espaço físico que lhe corresponde, conformando paisagens diversas.

O *gaúcho* do Sul [...], filho dos plainos sem fins, afeito às correrias fáceis nos pampas e adaptado a uma natureza carinhosa que o encanta, tem, certo, feição mais cavalheirosa e atraente. A luta pela vida não lhe assume o caráter selvagem da dos sertões do Norte. Não conhece os horrores da seca e os combates cruentos com a terra árida e exsicada. Não o entristecem as cenas periódicas da devastação e da miséria, o quadro assombrador da absoluta pobreza do solo calcinado, exaurido pela adustão

dos sóis bravios do equador. Não tem, no meio das horas tranquilas da felicidade, a preocupação do futuro, que é sempre uma ameaça, tornando aquela instável e fugitiva. Desperta para a vida amando a natureza deslumbrante que o aviventa; e passa pela vida aventureiro, jovial, diserto, valente e fanfarrão, despreocupado, tendo o trabalho como uma diversão que lhe permite as *disparadas*, domando distâncias, nas pastagens planas, tendo aos ombros, palpitando aos ventos, o pala inseparável, como uma flâmula festivamente desdobrada. (CUNHA, 2019, p. 117-118).

Segue Euclides descrevendo as “vestes” do gaúcho, “um traje de festa, ante a vestimenta rústica do vaqueiro”, adequadas à “movimentação fácil”, enquanto o vaqueiro do norte usa os trajes de couro para proteger-se dos “espinhos dilaceradores de caatingas” (CUNHA, 2019, p. 118). O vaqueiro, crescendo em meio a “uma intercadência de catástrofes”, vivendo uma “existência pela sua face tormentosa”, enfrentando cotidianamente um “combate sem tréguas” que lhe requisita todas as forças para sobreviver, usa “uma armadura” de couro (CUNHA, 2019, p. 118-119). Dela, fazem parte o “*gibão* de couro curtido, de bode ou de vaqueta”, um “colete também de couro”, “*perneiras* de couro curtido” junto das pernas, com “joelheiras de sola” e, para a proteção de mãos e pés, “luvas e guarda-pés de pele de veado” (CUNHA, 2019, p. 119, grifos do autor).

A configuração dessa paisagem, formada pelo homem e o meio, firmou-se como uma identidade. O leitor é levado a perceber o sertanejo/vaqueiro/cangaceiro de acordo com o ponto de vista do autor/narrador Euclides.

Ambos, o gaúcho do sul e o vaqueiro do norte, são inseparáveis de suas montarias, que também integram a paisagem apresentada pelo observador (Euclides). Entretanto, mesmo tratando-se de cavalos, não fazem parte da mesma imagem. O do gaúcho é paramentado com luxo,

correspondendo à “existência quase romanesca” do elegante cavaleiro que acompanha, enquanto o vaqueiro, usa “equipamento” rústico, visto pertencer a uma “forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo” e ambos, o “homem e o cavalo”, serem talhados “à feição do meio”: a caatinga com seus espinhos e “pedregais cortantes” (CUNHA, 2019, p. 118-119).

Expressões como “viver é adaptar-se”, “ela [a natureza] o talhou à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto”, “todo sertanejo é vaqueiro” (CUNHA, 2019, p. 120-121), “os sintomas do flagelo despontam-lhe [...]... É o prelúdio da sua desgraça” (CUNHA, 2019, p. 131), “[...] lá se vão, descampados em fora, famílias inteiras – não já os fortes e sadios senão os próprios velhos combalidos e enfermos claudicantes, carregando aos ombros e à cabeça as pedras dos caminhos” (CUNHA, 2019, p 132-133), “[...] em luta aberta com o meio, que lhe parece haver estampado na organização e no temperamento a sua rudeza extraordinária [...]” (CUNHA, 2019, p. 136) reforçam a ideia da paisagem como Simmel (2009) a apresenta, já comentada no início do artigo.

Essa paisagem euclidiana, para o sertão e o sertanejo, reproduz-se em obras literárias e não literárias posteriores à publicação d’*Os sertões*, conforme se verifica nas referências citadas por Josué de Castro para fundamentar sua análise sobre o tipo físico, biológico, psicológico e mental do sertanejo. Segundo sua pesquisa, esses indivíduos são induzidos a tornar-se o cangaceiro ou o beato fanático pela luta constante com o meio natural árido e hostil, e a fome que o aflige, entre outras causas (CASTRO 1984). O autor cita trechos que se referem a essa relação imbricada extraídos das obras *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz (CASTRO, 1984, p. 226, 228), *Heróis e Bandidos*, de Gustavo Barroso (CASTRO, 1984, p. 242), *Os sertões*, de Euclides da Cunha, *Beatos e cangaceiros*, de Xavier de Oliveira, *Pedra Bonita*, de José Lins do Rêgo (CASTRO, 1984, p. 248-256), o que reforça a ideia da paisagem que não se

restringe ao espaço físico que o olhar alcança.

Implicações da construção subjetiva da paisagem literária: empatia, antipatia, pré-conceitos, preservação/destruição

Em sua tese de doutoramento, “Euclides da Cunha: uma poética da paisagem”, Débora Soares de Araújo (2019) faz uma leitura comparada da paisagem d’*Os sertões* e de *À margem da História*. Se, n’*Os sertões*, Euclides integrava o gaúcho ao sul e o sertanejo ao norte, construindo uma paisagem composta de vários elementos, Araújo (2019, p. 13-16) observa que as duas obras por ela analisadas dizem respeito à paisagem do sertão (*Os sertões*) e da floresta amazônica (*À margem da História*), mas o seringueiro é também sertanejo. A pesquisa dessa autora fala da paisagem euclidiana de forma abrangente, incluindo a flora, a fauna, o meio físico, o homem, a forma como vive em relação com a natureza e a história relacionada com aquele espaço (ARAÚJO, 2019, p. 13-17).

Araújo (2019, p. 18) sugere que Euclides se tenha voltado aos temas relacionados com o território amazônico para “dar visibilidade no intuito de que a região amazônica fosse incluída de fato no mapa e na história do país e consequentemente na consciência geral dos brasileiros”, mas essa obra não obteve o mesmo sucesso na recepção do público e da crítica que *Os sertões* despertaram. Observa a autora a necessidade de estudos sobre a paisagem amazônica, porque, “mesmo tendo hoje maior visibilidade, ainda continua sendo uma temática marginal” (ARAÚJO, 2019, p. 18), o que remete ao frequente aumento dos casos de desmatamento daquele território, revelando o descaso de muitos brasileiros com a preservação da paisagem necessária à manutenção das condições para as vidas que a compõem.

Em um momento da pesquisa, Araújo (2019, p. 29) aborda a questão da subjetividade na imagem da paisagem construída pelo olhar do observador, no caso, Euclides, a qual passamos a conceber “como herança” e que pode ser diversa daquela “que de fato vemos”. O que queremos, ao

mencionar esse ponto, é recordar que a paisagem sertaneja (incluindo-se o sertanejo), como o autor d'*Os sertões* nos deixou de “herança”, foi impregnada das ideias pessimistas sobre a gênese do sertanejo, decorrentes do cientificismo positivista e do determinismo vigentes naquele tempo histórico (século XIX, início do XX), o que resulta numa “expectativa” que pode gerar um “desapontamento” no confronto entre a “imagem subjetiva” que nos é apresentada pelo autor e aquela que se vê “diante de si”, como aconteceu com Euclides ao se deparar com o rio Amazonas (ARAÚJO, 2019, p. 27). É possível também que essa expectativa provoque a reprodução do olhar preconceituoso, o “sentimento de empatia ou antipatia diante da natureza e da figura humana” (ARAÚJO, 2019, p. 29).

Michel Collot (2012, p. 19), ao discorrer sobre o interesse da geografia pela literatura e pela paisagem como um tema a ser observado de forma interdisciplinar, destaca que “os geógrafos encontram na literatura a melhor expressão da relação concreta, afetiva e simbólica a unir o homem aos lugares, e os escritores se mostram, do seu lado, cada vez mais atentos ao espaço em que se desenvolve a escrita”. Collot (2012, p. 20, grifo do autor) propõe que “uma *geografia da literatura* [...] estudaria o contexto espacial em que as obras são produzidas” e não se restringiria ao “plano geográfico”, abrangendo também o “histórico, social e cultural”. Percebe-se que o autor se refere à paisagem da obra literária como um composto amplo, no qual o espaço físico é apenas um dos elementos, e que nele estão inscritos os fatos históricos que ocorreram e as características sociais e culturais dos indivíduos que o ocupam, ou ocuparam.

Collot (2012, p. 20) recorda que a “teoria do determinismo (raça, meio e momento histórico) elaborada por Taine”, já mencionado no início deste tópico, seria precursora do que, atualmente, denomina geografia da literatura, e essa, “nas primeiras décadas do século XX”, chegou a ser confundida “com o regionalismo” em alta na França. O autor menciona a necessidade de se estudar o “contexto da produção literária”, pelo fato de

que há uma relação dialógica entre ele, o autor e a obra (COLLOT, 2012, p. 21-22), relação essa que Eagleton (2006) e Candido (2000) defendem ao tratar da literatura como algo indissociável da sociedade na qual é criada.

Fundamentando suas considerações num texto de André Ferré, a obra *Géographie littéraire*, Collot (2012, p. 22) afirma que a narrativa não é simplesmente um espelho de um território, “ela o transforma para construir seu próprio espaço, que é o do imaginário e o da escrita, que não se acha no texto, e que não se pode transferir para nenhum mapa do mundo conhecido”. Trata-se de um dos elementos apontados por ele mesmo: o olhar do autor (COLLOT, 2013, p. 17-18).

Considerando a paisagem como a concebe Collot (2012, p. 24), “não só um recanto do mundo, mas uma certa imagem dele, elaborada do ponto de vista de um sujeito, seja um artista ou um simples observador”, entendemos que aquela construída por Euclides da Cunha n'Os sertões, passou pela recepção de outros autores, e eles a perceberam e reforçaram ao escrever seus textos, especialmente os que faziam parte do romance de 30: *A Bagaceira*, *O Quinze*, *Pedra Bonita*, *Seara Vermelha*. Mas, a mesma conclusão se aplica a *Beatos e cangaceiros* (1920), de Xavier de Oliveira, obra na qual o autor chega a mencionar Euclides da Cunha (OLIVEIRA, 1920, p. 80), Canudos, e fatos ali ocorridos (OLIVEIRA, 1920, p.128-132), e, enquanto apresenta os beatos e cangaceiros como amigos e conhecidos, seu leitor é levado a percebê-los como sertanejos heroicos, trabalhadores, leais, que, na maioria, foram injustiçados, expostos a um meio hostil no qual precisam (r)existir, e *Cangaceiros* (1953), de José Lins do Rêgo, romance no qual o autor dá continuidade ao drama psicológico que acompanha Bentinho e ao sofrimento de toda a família, iniciado em *Pedra Bonita*.

Nas obras citadas, a paisagem sertaneja inclui um local físico hostil, agreste, sem desenvolvimento/progresso, atrasado em relação ao desenvolvimento da cidade/litoral, dominado pelos potentados locais, uma sociedade dirigida por ações violentas, permeada por injustiças

contra os mais pobres, local onde se encontram cangaceiros e beatos como caminhos para fuga e proteção dos sertanejos explorados, pobres, mestiços e iletrados, mas honestos, leais, fortes, resistentes, valentes, que amam sua terra e valorizam os laços familiares, mantendo forte apego à honra e às tradições. Dessa forma, abre-se a possibilidade de fazer a recepção da obra literária considerando que o escritor não cria apenas “um cenário exterior” para sua narrativa, mas que o texto é “a expressão de valores e de significações de seu imaginário mais íntimo, portador considerável de invenção linguística e formal” (COLLOT, 2012, p. 29), ou seja, um material que deveria ser estudado de forma inter e multidisciplinar (por exemplo nas áreas da filosofia, geografia, história, linguística, arte, cultura, meio ambiente e antropologia).

A paisagem criada pelo autor/artista, como se pode observar, tem significativa bagagem. Não se trata apenas de uma descrição espacial. Traz em si um modo de ver o mundo (a natureza, o meio ambiente, os seres que o habitam, as relações homem-natureza) que pode guiar outros olhos (o leitor) a ver da mesma forma: com empatia, antipatia, respeito, desrespeito, preconceito, induzindo à sua preservação ou destruição.

## Referências

AMADO, Jorge. *Seara Vermelha*. 44ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

ARAÚJO, Débora Soares de. Euclides da Cunha: uma poética da paisagem. 2019. 146 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

ATHAYDE, Tristão de. Uma revelação. In: ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978. p. 40-45.

BERQUE, Augustin. Território e pessoa: a identidade humana. *Desigual-*

*dade & Diversidade* Revista de Ciências Sociais da PUC- Rio, Rio de Janeiro, n. 6, p. 11-24, jan./jul. 2010.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 46ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CALASANS, José. *Cartografia de Canudos*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultura, EGBA, 1997.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8ª ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome* (o dilema brasileiro: o pão ou aço). 10ª ed. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984 [1946].

COLLOT, Michel. Rumo a uma geografia literária. Tradução de Ida Alves. *Gragoatá*, Niterói, n. 32, p. 17-31, 2 sem. 2012.

COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Tradução de Ida Alves et. al. Organização de Ida Alves. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2019.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

OLIVEIRA, Xavier de. *Beatos e Cangaceiros*. Rio de Janeiro: Cariri das Antigas, 1920.

PROENÇA, M. Cavalcanti. A Bagaceira. In: ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978. p. 46-89.

QUEIROZ, Rachel de. Cinquenta anos de *A Bagaceira*. In: ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olym-

pio Editora, 1978. p. 105-107.

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 117<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

RÊGO, José Lins do. *Pedra Bonita*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/Editora Civilização Brasileira/Editora Três, 1973.

SIEGA, Paula Regina; ALVES, Amanda Santos. Brancos, negros e mulatos: aspectos cientificistas da tipificação racial em *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. *Litterata*, Ilhéus, v. 7, n. 1, p. 133-148, jan./jun. 2017.

SIMMEL, Georg. *A Filosofia da Paisagem*. Tradução de Artur Morão. Covilhã: LusoSofia, 2009.

TAINÉ, Hippolyte Adolphe. Introduction. In: TAINÉ, Hippolyte Adolphe. *History of English Literature*. Translated from the French by Henry Van Laun. With a Special Introduction of J. Scott Clark, A. M. Revised Edition. New York: The Colonial Press, 202. p. 1-28. v.1.

***The earth, the man and the fight: elements of the landscape built by Euclides da Cunha in The Sertões***

**Abstract:** *The research investigates the landscape of the Euclidean hinterland, in which exist, in an inseparable way, the physical space with its peculiar characteristics, the sertanejo and its history of struggles to continue existing exist. The article reveals that the image constructed in Os sertões for this territory and its inhabitants stems from the artist's gaze, the dialogic relationship between him and the society in which he was a member, and also that this imagery construction was conveyed by the literature subsequent to the Euclidean text. The study highlights that the image constituted by the literary landscape brings with it aspects of the author's subjectivity and the context in which it is created and can lead the reader to perceive it in a similar way: with empathy, antipathy, prejudice, respect or disrespect, contributing for the preservation or destruction of its elements.*

**Keywords:** *Landscape. Os sertões. Man and environment.*